

Trajetórias do emprego formal no Rio Grande do Sul em 2011: uma análise a partir dos dados da RAIS e do Caged*

Tomás Pinheiro Fiori**

Mestre em Ciência Política, Pesquisador em Economia na FEE

Guilherme G. de F. Xavier Sobrinho***

Doutor em Sociologia, Técnico da FEE

Resumo

O artigo analisa o comportamento do mercado formal de trabalho do Rio Grande do Sul em 2011, utilizando as bases de dados do Ministério do Trabalho e Emprego. A abordagem inclui um cotejo com o agregado nacional e a abertura dos dados de emprego tanto por setor de atividade econômica quanto por região do Estado (Coredes). Em função de uma restrição quanto à disponibilidade de informações (o último dado disponível referia-se a outubro de 2011, quando da redação do texto), efetuou-se um ajuste estacional com base em séries dos dados mensais de 10 anos. Esse procedimento evidenciou um acentuado contraste entre o padrão de sazonalidade dos mercados de trabalho gaúcho e brasileiro.

Palavras-chave: Emprego formal; sazonalidade; Caged.

Abstract

This paper analyzes the behavior of the formal labor market of Rio Grande do Sul in 2011, using the Ministry of Labor and Employment's database. The approach includes a comparison with the national aggregate and the opening of employment data both by sector of economic activity and by region of the State (Coredes). Due to a restriction on the information available (the latter data was referring to October 2011 when this paper was issued), a seasonal adjustment based on monthly data series of ten years was performed. This procedure revealed a sharp contrast between the seasonal pattern of labor markets in Brazil and the State of Rio Grande do Sul.

Key words: Formal employment; Seasonality; Caged.

* Artigo recebido em 1º fev. 2012.
Revisora da Língua Portuguesa: Maria Inácia Flor Reinaldo

** E-mail: tomas@fee.tche.br

*** E-mail: sobrinho@fee.tche.br

Os autores agradecem as valiosas contribuições das colegas Sheila S. W. Sternberg, Gisele da Silva Ferreira e Mariana Lisboa Pessoa, bem como do estagiário Pedro Perfeito.

1 Introdução

Neste artigo, fazemos uma análise da evolução recente do emprego formal no Rio Grande do Sul. Foram utilizados os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e do Cadastro Geral de Empregos (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). O período analisado compreende 31 de dezembro de 2010 a 31 de outubro de 2011. Nosso ponto de partida, portanto, é o estoque de emprego formal consolidado na RAIS 2010, restrito aos vínculos celetistas ativos no dia 31 de dezembro¹. A partir disso, o estoque de empregados foi atualizado pelo saldo mensal do Caged até o último período disponível: outubro de 2011.

Tendo em vista a estacionalidade acentuada do emprego, foi feito o ajuste sazonal dos dados de 2011 pelo método da média geométrica móvel centralizada de 12 meses, de acordo com o procedimento apresentado na Equação 1 (Hoffmann, 1998; Webster, 2007). Nesse caso, a série utilizada para a obtenção dos índices sazonais foi de 10 anos, atualizando os estoques mensais com os fluxos do Caged sobre o estoque da RAIS em 31 de dezembro de 2000 até 31 de dezembro de 2010.

$$MGM_{ij} = \sqrt[12]{E_{ij-6} \times E_{ij-5} \times \dots \times E_{ij} \times \dots \times E_{ij+5} \times E_{ij+6}}$$

$$MGMC_{ij} = \sqrt{MGM_j \times MGM_{j+1}}$$

$$RMMM_j = \left(\sum_i MGMC_{ij} \right) / 9$$

$$S_j = \left(12 / \sum_j RMMM_j \right) \times RMMM_j \quad (\text{Equação 1})$$

Em que:

- MGM_{ij} = média geométrica móvel do mês j do ano i ;
- $MGMC_{ij}$ = média geométrica móvel centralizada do mês j do ano i ;
- $RMMM_j$ = razão média para média móvel do mês j ; e
- S_j = índice sazonal do mês j ;

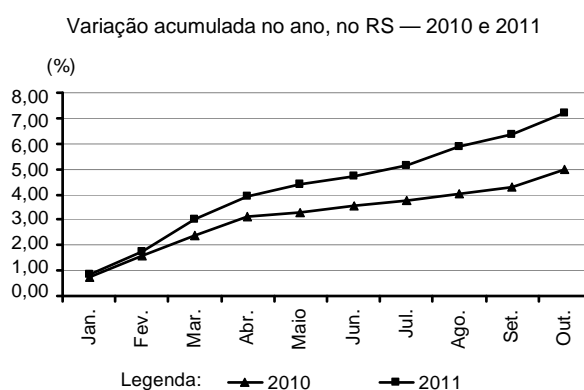
¹ Excluídas, portanto, as categorias de "natureza do vínculo", onde se enquadram os servidores públicos regidos pelo Regime Jurídico Único e os militares vinculados a regime próprio ou geral de previdência (30 e 31); os servidores públicos não efetivos (35); dirigentes sindicais ou diretores sem vínculo empregatício para os quais a empresa/entidade tenha optado por recolhimento ao FGTS (80).

O artigo está dividido em três seções, além desta **Introdução** e de algumas **Considerações finais**. Primeiramente, fazemos um estudo comparativo entre o emprego formal no Rio Grande do Sul e no agregado do Brasil para o mesmo período de 2011. A seguir, essa mesma comparação é aberta pelos principais setores de atividade econômica da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Por fim, apresentamos um panorama regional a partir dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes), onde também apresentamos alguns dados setoriais para aquelas regiões mais destacadas do Estado.

2 O comportamento do emprego total no Rio Grande do Sul e no Brasil

O ano de 2011 caracterizou-se pela continuidade do movimento expansivo do emprego formal tanto na escala nacional quanto no Rio Grande do Sul. No Estado, a tendência positiva demonstrou constância ao longo do ano, embora, na comparação com o ano anterior, evidencie-se um arrefecimento do crescimento do emprego formal. O Gráfico 1 mostra que, em todos os meses analisados na série do Caged, os saldos de 2011 foram relativamente inferiores aos de 2010, especialmente a partir do segundo semestre.

Gráfico 1



FORNE DOS DADOS BRUTOS: BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Departamento de Emprego e Salário. **RAIS/RAISESTB**: competência 2010. Brasília, 2011. DVD.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Departamento de Emprego e Salário. **CAGED ESTATÍSTICO**: jan. 2003 a out. 2011. Brasília, 2011. DVD.

Analisaremos os dados de 2011 em duas abordagens sucessivas, para destacar o padrão contrastivo da sazonalidade dos movimentos do emprego formal, na comparação entre os mercados formais de trabalho gaúcho e brasileiro. Inicialmente, restringimos o tratamento dos dados à elaboração de índices do emprego total no Rio Grande do Sul e no Brasil, tomando como base, equivalente a 100, o estoque de postos de trabalho em 31 dezembro de 2010, conforme a RAIS daquele ano — tendo presente que dela se excluem, para esses fins, algumas formas jurídicas de vínculo, conforme informado na **Introdução** deste texto. A atualização dos estoques mês a mês é estimada a partir dos sucessivos saldos de admissões e desligamentos extraídos da outra base, o Caged.

Esse procedimento evidencia, como se observa no Gráfico 2, que, ao longo de todo o primeiro semestre de 2011, o mercado formal de trabalho gaúcho teve uma evolução mais favorável do que a observada no País em seu conjunto, ao passo que, nos quatro meses subsequentes, o índice nacional superou o do Estado. Dessa forma, no acumulado entre o início de janeiro e o final de outubro, a variação estimada do número de empregos formais no Rio Grande do Sul situava-se em 5,0%, enquanto a do Brasil chegava a 5,5%.

Gráfico 2



FORNTE DOS DADOS BRUTOS: BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Departamento de Emprego e Salário. **RAIS/RAISESTB**: competência 2010. Brasília, 2011. DVD.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Departamento de Emprego e Salário. **CAGED ESTATÍSTICO**: jan. 2003 a out. 2011. Brasília, 2011. DVD.

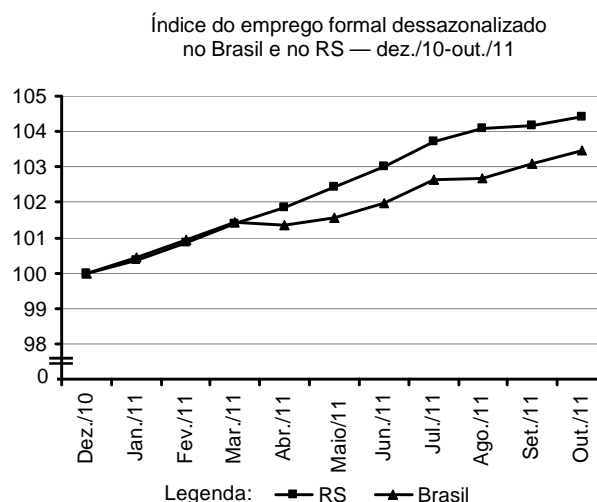
NOTA: Os índices têm como base dez./10 = 100.

É interessante registrar, aqui, os números absolutos de vagas geradas nesse período, nos dois espaços: o mercado gaúcho teve um incremento de 105.885 postos formais de trabalho; o nacional, de 1.234.994.

O fato de não dispormos da série completa dos dados do Caged de 2011, no momento da elaboração deste artigo, aconselhou-nos a refinar, com o recurso à dessazonalização, o tratamento dos registros mensais do período de janeiro a outubro, para que expressassem, de modo mais fidedigno, a tendência do ano que passou, objeto de nosso interesse nesta análise. Esse procedimento metodológico trouxe resultados dignos de nota, não apenas por alterarem de modo significativo a compreensão da série de dados referente ao período aqui enfocado, mas, sobretudo, por evidenciarem padrões bastante diferenciados na sazonalidade do emprego, quando se comparam os níveis estadual e nacional. Emergem, assim, indiretamente, diferenças estruturais que condicionam os movimentos conjunturais de mercado de trabalho e que podem contribuir para o aprofundamento de investigações sobre o tema.

A mesma série que embasou o Gráfico 2 é, a seguir, reapresentada, consolidando, desta vez, os resultados da dessazonalização (Gráfico 3).

Gráfico 3



FORNTE DOS DADOS BRUTOS: BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Departamento de Emprego e Salário. **RAIS/RAISESTB**: competência 2010. Brasília, 2011. DVD.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Departamento de Emprego e Salário. **CAGED ESTATÍSTICO**: jan. 2003 a out. 2011. Brasília, 2011. DVD.

NOTA: Os índices têm como base dez./10 = 100.

O procedimento de dessazonalização implica intervir na variação de uma grandeza, neutralizando, artificialmente, a parcela dessa variação, que pode ser creditada a um padrão estacional de oscilação dentro de um intervalo temporal, dividindo-se o valor originalmente apurado pelo índice sazonal S_j . É o caso do volume de emprego ao longo de um ano, que comporta, tipicamente, fases de alta e de baixa, reconhecíveis tanto nos anos de expansão quanto naqueles de retração do mercado de trabalho. Com base nesse procedimento, atribui-se um novo valor a cada ponto da série, estabelecendo-se “compensações” recíprocas entre eles: para que algum seja ajustado para cima, outro(s) deverá(ão) “ceder”. Vale dizer: a dessazonalização é “neutra” quando o intervalo de tempo — 12 meses neste caso — é tratado em sua integralidade (de ponta a ponta), mas tende a não sê-lo quando se toma uma secção do mesmo.

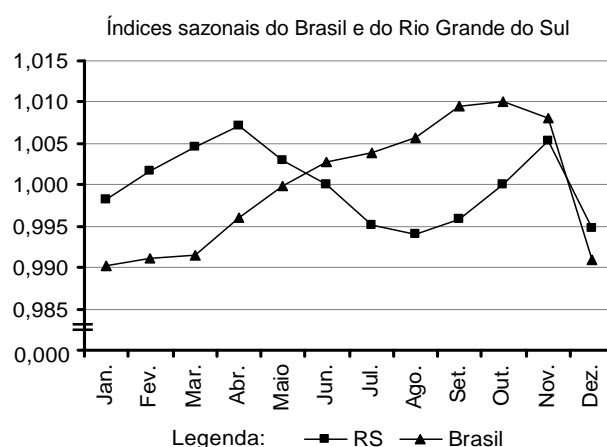
Tendo-se presente o sentido do procedimento aplicado, pode-se compreender a sensível alteração no comportamento das linhas de evolução do emprego formal brasileiro e gaúcho nos 10 primeiros meses de 2011. Dessazonalizados os dados, a comparação entre os dois recortes territoriais praticamente se inverte. Se antes o Estado aparecia em vantagem frente ao País nos seis primeiros meses, deixando-se ultrapassar nos quatro pontos finais da série, desta feita os índices do Rio Grande do Sul mostram-se pouco inferiores apenas nos três primeiros meses do ano, para, logo em seguida, consolidarem uma permanente superioridade (Gráfico 3). Em ambos os recortes geográficos, a dessazonalização rebaixa a variação acumulada entre os meses de dezembro de 2010 e outubro de 2011, na comparação com os dados sem esse tratamento (Gráfico 2). Aplicado o ajuste, o mercado formal gaúcho ostenta um crescimento acumulado de 4,4%, no período, enquanto o brasileiro restringe-se a 3,5%.

Conforme mencionamos anteriormente, os resultados da dessazonalização, ao alterarem consideravelmente a **relação** entre as curvas do emprego estadual e nacional, despertaram especial interesse analítico no que diz respeito ao **padrão** de evolução dos dois mercados de trabalho ao longo de um ciclo anual. Uma análise gráfica dos índices mensais expõe o contraste entre os dois recortes territoriais, apresentando grandezas praticamente inversas (Gráfico 4).

Índices inferiores a um assinalam — e servem para ajustar — períodos de pressão estacional descendente; aqueles que excedem a unidade, uma

pressão altista naquele intervalo, oriunda do componente sazonal. No mercado de trabalho gaúcho, a retração concentra-se no segundo semestre; no Brasil, isso ocorre no primeiro. Setembro é o mês em que a discrepância entre os índices é mais marcante: a dessazonalização impõe uma redução de quase 1% no resultado do País, enquanto o do Estado deve ser elevado em 0,4%. Novembro e dezembro são meses com tendência de retração em ambos os recortes, mas esse movimento é mais acentuado no espaço nacional.

Gráfico 4



FONTES DOS DADOS BRUTOS: BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Departamento de Emprego e Salário. RAIS/RAISESTB: competência 2000. Brasília, 2003. CD-ROM.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Departamento de Emprego e Salário. CAGED ESTATÍSTICO: jan. 2001 a 2010. Brasília, 2010. CD-ROM.

De modo geral, vale assinalar: a amplitude dos índices é maior para o Brasil do que para o Rio Grande do Sul, demonstrando que o emprego no País é mais sensível às oscilações sazonais.

3 A geração de postos de trabalho segundo os principais setores de atividade

Nesta seção, apresentamos a evolução do emprego formal no Rio Grande do Sul conforme os setores de atividade econômica, cotejando-a com a

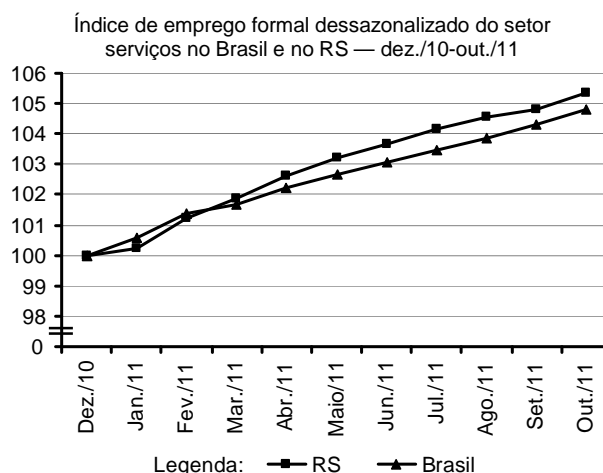
verificada no Brasil, ambas após o ajuste pelos índices sazonais setoriais de cada recorte territorial.

A variação acumulada entre 31 de dezembro de 2010 e 31 de outubro de 2011, no Rio Grande do Sul, demonstrou-se positiva nos quatro setores de atividade selecionados². O mesmo ocorre no agregado nacional.

Os serviços contribuem decisivamente para elevar o resultado global do mercado de trabalho no plano estadual e também no nacional. No caso do Rio Grande do Sul, esse setor, que agregou 43,5 mil postos adicionais, foi responsável por 41% da geração de empregos no período analisado. A taxa de crescimento acumulado nos serviços mostrava-se, em outubro, significativamente superior à do emprego total em ambos os recortes geográficos. O Rio Grande do Sul, também nesse setor, teve melhor desempenho do que o conjunto do País: o crescimento de 5,3%, nos 10 primeiros meses de 2011, superou os 4,8% registrados no Brasil. Conforme se observa no Gráfico 5, a ascensão do emprego nos serviços, além de intensa, é bastante sustentada nos dois espaços considerados. Aplicado o procedimento de dessazonalização, nenhum dos meses mostra qualquer retração.

De modo similar, no comércio, a tendência ascendente é consideravelmente estável em ambos os recortes geográficos (Gráfico 6). No mercado gaúcho, o número de postos criados no setor atingiu 27,7 mil no período — pouco mais de uma quarta parte do incremento geral do emprego formal no Estado. Mais uma vez o Rio Grande do Sul, na série dessazonalizada, obtém resultados relativamente mais favoráveis frente ao País, sendo que, neste caso, o diferencial é um pouco maior do que nos serviços. O Estado chega a outubro com um crescimento de 5,0% em seu estoque de empregos formais, enquanto o Brasil registra 3,7%. O incremento, da mesma forma que nos serviços, parece perder impulso após o mês de agosto.

Gráfico 5



Legenda: ■ RS ▲ Brasil

FONTES DOS DADOS BRUTOS: BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Departamento de Emprego e Salário. RAIS/RAISESTB: competência 2010. Brasília, 2011. DVD. BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Departamento de Emprego e Salário. CAGED ESTATÍSTICO: jan. 2003 a out. 2011. Brasília, 2011. DVD.

NOTA: Os índices têm como base dez./10 = 100.

Tanto no Estado quanto no País, a geração de postos de trabalho na indústria de transformação foi proporcionalmente mais baixa do que a do conjunto do mercado de trabalho. O Caged informa o incremento de 25,4 mil postos de trabalho no contingente da indústria de transformação gaúcha nos 10 primeiros meses de 2011, pouco menos de um quarto do total de empregos gerados no Estado. Tomando-se os dados dessazonalizados de outubro, o estoque do setor havia acumulado alta de 3,5% no ano, enquanto a taxa nacional era próxima à metade disso (1,8%). Como pode ser visualizado no Gráfico 7, o setor mostra, no Rio Grande do Sul, uma tendência mais constante, embora moderada, de elevação no primeiro semestre, enquanto, no Brasil, já se observa certa estagnação entre fevereiro e maio, a qual, em seguida, esboça uma superação. A perda de dinamismo, no entanto, é nítida para ambos os recortes regionais nos quatro meses finais da série, sendo que, no nível federal, há recuo.

Embora menos representativa na estrutura do emprego formal, a construção civil merece menção devido aos elevados percentuais de crescimento que ostentou no período analisado. A criação de 9 mil postos de trabalho no Estado significou uma expansão de 7,1% no contingente. Em nível nacional, o incremento foi de 4,6%.

² A abertura setorial utilizada no acesso às bases do Ministério do Trabalho foi a que compreende oito setores. Desconsideramos, aqui, os que têm menor expressão na estrutura ocupacional — extrativa mineral e serviços industriais de utilidade pública — e aqueles que as bases do Ministério do Trabalho têm limitações para apreender, caso da agropecuária (devido ao peso das relações informais de trabalho) e da administração pública, setor que, embora bem coberto nas séries da RAIS, não é captado satisfatoriamente pelo Caged, como já registramos acima.

Gráfico 6



Legenda: ■ RS ▲ Brasil

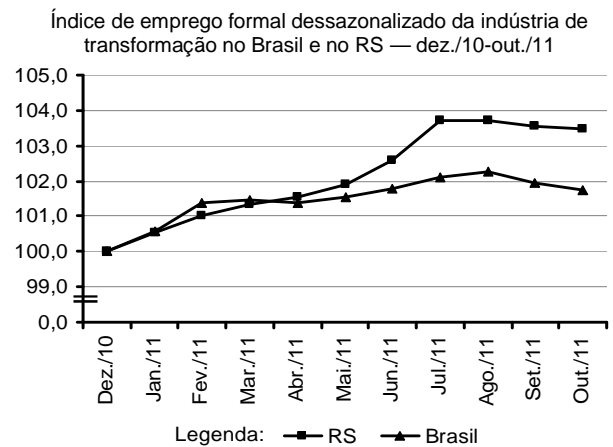
FONTE DOS DADOS BRUTOS: BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Departamento de Emprego e Salário. RAIS/RAISESTB: competência 2010. Brasília, 2011. DVD. BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Departamento de Emprego e Salário. CAGED ESTATÍSTICO: jan. 2003 a out. 2011. Brasília, 2011. DVD.

NOTA: Os índices têm como base dez./10 = 100.

Por fim, é interessante retornar à questão do padrão de sazonalidade do emprego formal na comparação entre o Rio Grande do Sul e o País — desta vez, contemplando essa perspectiva setorial. A análise gráfica dos índices de sazonalidade mostra elevado grau de simetria entre os dois recortes territoriais, quando se trata do emprego no comércio e nos serviços. As diferenças saltam aos olhos, no entanto, ao observar-se o comportamento da indústria de transformação. Até por isso, limitamo-nos, aqui, a apresentar os índices desse setor (Gráfico 8), pois o desenho praticamente “espelhado” das curvas do País e do Estado tende a ser útil no cotejo bastante frequente de indicadores de desempenho setorial.

Na próxima seção, apresentamos os dados para o Rio Grande do Sul em sua divisão pelas regiões dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes).

Gráfico 7

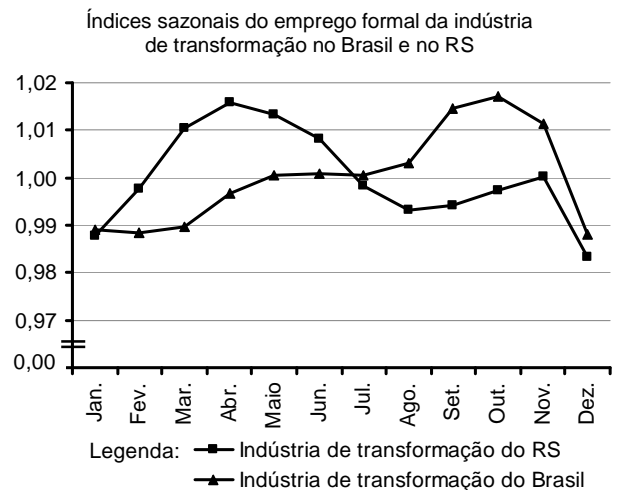


Legenda: ■ RS ▲ Brasil

FONTE DOS DADOS BRUTOS: BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Departamento de Emprego e Salário. RAIS/RAISESTB: competência 2010. Brasília, 2011. DVD. BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Departamento de Emprego e Salário. CAGED ESTATÍSTICO: jan. 2003 a out. 2011. Brasília, 2011. DVD.

NOTA: Os índices têm como base dez./10 = 100.

Gráfico 8



Legenda: ■ Indústria de transformação do RS ▲ Indústria de transformação do Brasil

FONTE DOS DADOS BRUTOS: BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Departamento de Emprego e Salário. RAIS/RAISESTB: competência 2010. Brasília, 2011. DVD. BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Departamento de Emprego e Salário. CAGED ESTATÍSTICO: jan. 2003 a out. 2011. Brasília, 2011. DVD.

NOTA: Os índices têm como base dez./10 = 100.

4 Evolução regional do emprego gaúcho

Nesta última seção, passamos para a fragmentação dessas tendências dentro do Estado do Rio Grande do Sul. Para tanto, a análise que segue enfoca os 28 Coredes. Como se observa abaixo, 17 dos 28 Coredes apresentaram crescimento relativo do emprego formal igual ou superior à média do Rio Grande do Sul no período de janeiro a outubro de 2011. No entanto, quando descontamos o componente sazonal, o número de Coredes a superar a média estadual cai para 14, com algumas mudanças importantes.

Um dos primeiros elementos que podemos observar é a persistência do crescimento elevado apresentado pelo Corede Celeiro. Mesmo com o ajuste sazonal, o crescimento acumulado em 2011 nesse Corede é de 11,11%. Os três outros Coredes que mais se destacaram no período, além de Celeiro, são Nordeste, Médio Alto Uruguai e Noroeste Colonial, todos com crescimento do emprego formal entre 7% e 8% após o ajuste sazonal. Como destaque negativo, Campos de Cima da Serra é o único Corede a perder emprego no período, efetuado o ajuste sazonal.

Um panorama geral do desempenho do emprego formal dessazonalizado no Estado ao longo dos primeiros 10 meses de 2011 também pode ser visto no Mapa 1 a seguir.

Do ponto de vista do impacto sazonal, o ajuste apresentado no segundo *ranking* do Quadro 1 permite extrair uma indicação de que os Coredes Sul e Litoral devem receber um aporte significativo de empregos formais no final do ano, uma vez que seus resultados ajustados os colocam em uma posição bastante superior no *ranking* àquela obtida nos dados sem esse tratamento referentes aos primeiros 10 meses de 2011. Essa conclusão é reforçada pelo Gráfico 9, que ilustra o desempenho do Corede Litoral e a intensidade do componente sazonal na região, quando se considera que, ao final de dezembro de 2011, as duas curvas têm de se encontrar no momento em que se encerra o intervalo completo de sazonalidade utilizado, isto é, 12 meses. O inverso aplica-se aos Coredes Paranhana Encosta da Serra e Campos de Cima da Serra, ambos perdendo desempenho significativamente após o ajuste sazonal.

A interpretação do Gráfico 9 indica que, embora tenha havido um forte crescimento do emprego formal no período da alta temporada de verão, entre janeiro e março de 2011, esse resultado é negativo quando

descontado o componente sazonal, indicando que o início do ano representa uma queda frente ao estoque de dezembro de 2010. No entanto, o desempenho ao longo do ano, entre abril e outubro de 2011, depois de descontado o componente sazonal, indica uma retomada da trajetória ascendente para a região.

Não podemos deixar de apontar um fato que reduz a dimensão dos resultados acumulados em 2011 para o conjunto da economia gaúcha, mesmo que, localmente, alguns Coredes estejam experimentando um momento favorável. Os quatro Coredes que encabeçam a lista, com maior crescimento do emprego formal acumulado em 2011, são muito pouco expressivos no contexto estadual.

Os quatro Coredes com melhor desempenho somam apenas 3,55% do total do emprego formal do Rio Grande do Sul em outubro de 2011. Os Coredes Serra e Metropolitano Delta do Jacuí, por sua vez, exercem clara determinação no desempenho do Estado: possuindo, em conjunto, cerca de 42% do total de postos de trabalho formal no Rio Grande do Sul, são os principais responsáveis pelo patamar em que se encontra o mercado de trabalho gaúcho.

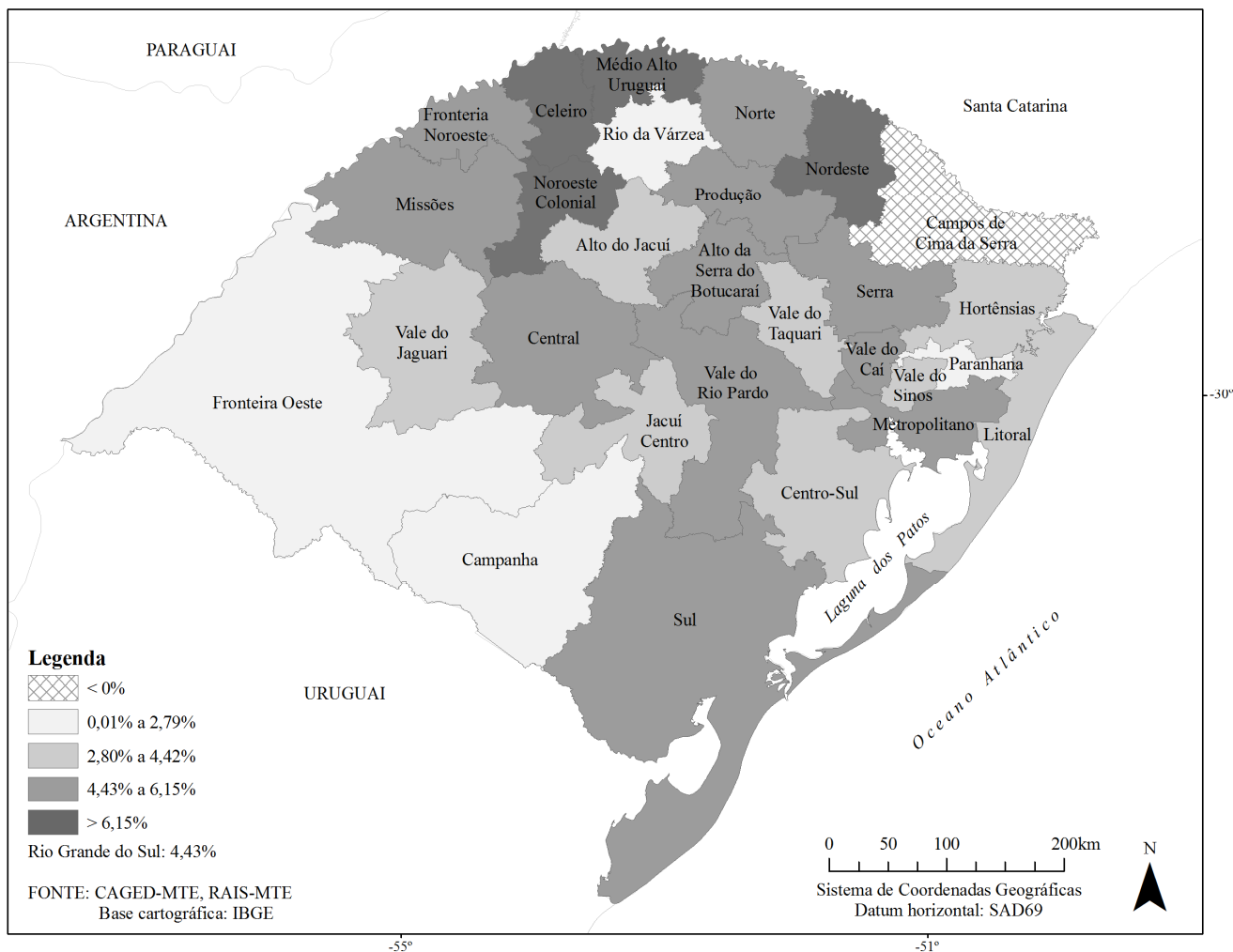
Desse modo, fazemos uma rápida aproximação sobre os quatro Coredes destacados acima pelo seu desempenho relativo em 2011, além dos dois que mais influenciam o total do Estado — Metropolitano e Serra —, investigando a distribuição setorial do emprego que neles foi gerado.

Fica claro que, apesar de o peso da construção civil sobre o emprego formal dos Coredes selecionados não ser o mais expressivo, esse setor destaca-se pelos grandes índices de geração de emprego no período, liderando o crescimento em quatro das seis regiões apresentadas na Tabela 2. Apenas no Noroeste Colonial e no Nordeste, a construção civil não se destacou no período, ficando a maior geração de empregos por conta dos serviços, setor que, assim como havia sido constatado para o Estado em seu conjunto, cresceu acima da média do emprego gaúcho em todas as observações.

Por outro lado, dentre os Coredes com melhor desempenho, apenas no Celeiro a indústria de transformação não aparece em destaque, o que realça ainda mais o peso da construção civil no desempenho dessa região, na qual, a criação de novos postos foi puxada pelo Município de Humaitá, que gerou, sozinho, nada menos do que 853 vagas adicionais em 2011. A indústria de transformação cresceu significativamente acima da média estadual do setor, de 3,5%, em quatro dos Coredes contemplados na Tabela 2.

Mapa 1

Varição do emprego formal desazonalizado, por Coredes, no RS — jan.-out./11



Quadro 1

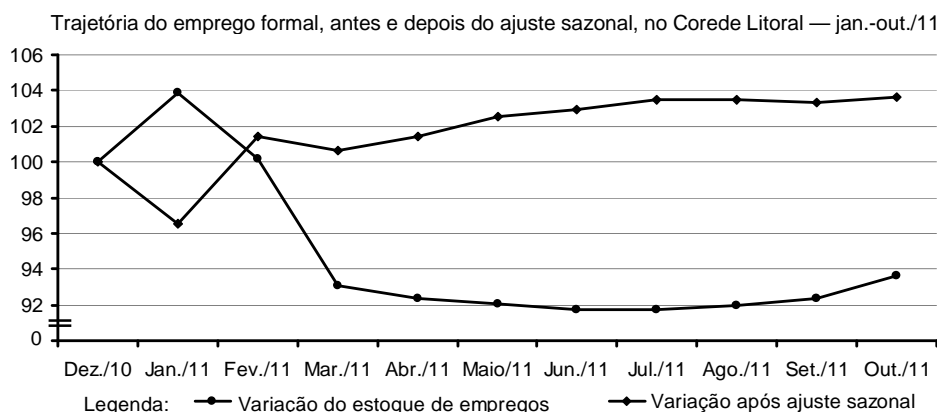
Variação do emprego formal, por Coredes, antes e depois do ajuste sazonal no Rio Grande do Sul — jan.-out./11

RANKING ANTES DO AJUSTE SAZONAL			RANKING APÓS O AJUSTE SAZONAL		
Posição	Coredes	Variação %	Posição	Coredes	Variação %
1	Celeiro	12,65	1	Celeiro	11,11
2	Médio Alto Uruguai	8,79	2	Nordeste	8,00
3	Nordeste	8,08	3	Médio Alto Uruguai	7,47
4	Vale do Rio Pardo	7,69	4	Noroeste Colonial	7,19
5	Alto da Serra do Botucaraí	7,69	5	Vale do Rio Pardo	6,14
6	Norte	7,11	6	Norte	5,96
7	Missões	6,99	7	Missões	5,86
8	Noroeste Colonial	6,97	8	Alto da Serra do Botucaraí	5,39
9	Fronteira Noroeste	6,72	9	Fronteira Noroeste	5,32
10	Serra	6,45	10	Produção	5,20
11	Produção	5,71	11	Serra	4,94
12	Paranhana-Encosta da Serra	5,71	12	Metropolitano Delta do Jacuí	4,88
13	Vale do Caí	5,58	13	Central	4,81
14	Vale do Taquari	5,42	14	Sul	4,49
15	Central	5,20		Rio Grande do Sul	4,43
16	Metropolitano Delta do Jacuí	5,10	15	Vale do Caí	4,42
17	Campos de Cima da Serra	5,09	16	Vale do Taquari	4,26
	Rio Grande do Sul	4,99	17	Vale do Jaguari	3,95
18	Hortênsias	4,61	18	Jacuí-Centro	3,73
19	Vale do Rio dos Sinos	4,57	19	Litoral	3,64
20	Vale do Jaguari	4,44	20	Hortensias	3,56
21	Alto do Jacuí	4,36	21	Centro-Sul	3,36
22	Rio da Várzea	4,32	22	Alto do Jacuí	3,34
23	Centro-Sul	3,92	23	Vale do Rio dos Sinos	3,30
24	Jacuí-Centro	3,79	24	Campanha	2,79
25	Campanha	2,94	25	Rio da Várzea	2,42
26	Sul	2,14	26	Fronteira Oeste	1,87
27	Fronteira Oeste	1,50	27	Paranhana-Encosta da Serra	1,71
28	Litoral	-6,40	28	Campos de Cima da Serra	-1,48

FORNE DOS DADOS BRUTOS: BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Departamento de Emprego e Salário. **RAIS/RAISESTB**: competência 2010. Brasília, 2011. DVD.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Departamento de Emprego e Salário. **CAGED ESTATÍSTICO**: jan. 2003 a out. 2011. Brasília, 2011. DVD.

Gráfico 9



FORNE DOS DADOS BRUTOS: BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Departamento de Emprego e Salário. **RAIS/RAISESTB**: competência 2010. Brasília, 2011. DVD.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Departamento de Emprego e Salário. **CAGED ESTATÍSTICO**: jan. 2003 a out. 2011. Brasília, 2011. DVD.

NOTA: Os índices têm como base jan./11 = 100.

Tabela 1

Participação dos Coredes selecionados, após ajuste sazonal, no total do emprego formal do Rio Grande do Sul — out./11

COREDES	EMPREGOS	% NO TOTAL
Celeiro	16 891	0,68
Nordeste	20 192	0,81
Médio Alto Uruguai	16 122	0,65
Noroeste Colonial	35 393	1,42
Total	88 598	3,55
RS	2 495 671	100,00

FONTE: BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Departamento de Emprego e Salário. RAIS/RAISESTB: competência 2010. Brasília, 2011. DVD.
BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Departamento de Emprego e Salário. CAGED ESTATÍSTICO: out. 2011. Brasília, 2011. DVD.

Tabela 2

Peso, crescimento e postos adicionais de trabalho nos setores em destaque, por Coredes selecionados, do RS — jan.-out./11

CÓDIGOS, COREDES E SETORES	PESO DO SETOR (%)	CRESCIMENTO %	NÚMERO DE POSTOS ADICIONAIS
28 Celeiro			
Construção civil	8,53	157,40	883
Comércio	36,10	9,57	534
Serviços	22,59	6,90	247
12 Noroeste Colonial			
Serviços	27,15	8,29	734
Indústria de transformação	30,42	8,23	817
Comércio	32,22	7,58	802
9 Médio Alto Uruguai			
Construção civil	8,26	22,36	243
Indústria de transformação	25,73	9,15	347
Comércio	34,17	7,59	388
Serviços	23,49	7,26	256
11 Nordeste			
Serviços	21,92	10,36	414
Comércio	32,97	8,11	498
Indústria de transformação	36,87	7,61	525
22 Metropolitano Delta do Jacuí			
Construção civil	6,42	12,12	5 074
Indústria de transformação	15,89	7,14	7 749
Serviços	50,67	5,32	18 720
Comércio	21,31	2,48	3 772
16 Serra			
Construção civil	3,97	15,95	1 753
Serviços	24,16	8,70	6 200
Indústria de transformação	53,07	5,54	8 938
Comércio	15,69	4,96	2 380

FONTE: BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Departamento de Emprego e Salário. RAIS/RAISESTB: competência 2010. Brasília, 2011. DVD.
BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Departamento de Emprego e Salário. CAGED ESTATÍSTICO: out. 2011. Brasília, 2011. DVD.

5 Considerações finais

No presente artigo, fizemos uma análise das trajetórias do emprego formal entre 31 de dezembro de 2010 e 31 de outubro de 2011, enfocando o Rio Grande do Sul em uma perspectiva comparada com o Brasil; os principais setores de atividade econômica em ambos os recortes territoriais; e os recortes regionais internos ao Estado por meio dos Coredes. Por não dispormos da série anual completa no momento da produção desta análise, os dados foram observados tanto em sua forma bruta — conforme se encontra disponíveis na base da RAIS de 2010 e nos fluxos de admissões e desligamentos do Caged — como após passarem pelo ajuste sazonal, realizado pelo método da média geométrica móvel centralizada em 12 meses.

Na primeira seção, apresentamos uma comparação geral entre o desempenho do emprego formal no Rio Grande do Sul e no Brasil. Mostramos que houve crescimento em ambos os recortes territoriais, antes e depois do ajuste estacional, no período de janeiro a outubro de 2011. No mesmo período, em 2010, o Estado havia apresentado um crescimento de 7,22% no emprego formal, resultado bem superior aos 5% verificados em 2011, quando foram gerados cerca de 106 mil novos postos de trabalho. Esses 5% acumulados entre janeiro e outubro do último ano parecem ainda menos expressivos se contrastados com os 5,5%, cerca 1,2 milhão de novos postos de trabalho gerados no País, no mesmo período.

O procedimento de dessazonalização dos dados, entretanto, modificou sensivelmente essa comparação, revelando uma evolução do mercado de trabalho formal gaúcho superior à do Brasil nesses 10 primeiros meses de 2011: o crescimento do emprego no Estado ficou em 4,4% contra 3,4% verificados no País. Ao alterarem consideravelmente a **relação** entre as curvas do emprego estadual e nacional, esses resultados despertaram especial interesse analítico no que diz respeito ao **padrão** de evolução dos dois mercados de trabalho ao longo de um ciclo anual. Uma análise gráfica dos índices mensais expôs o contraste entre os dois recortes territoriais, apresentando grandezas praticamente inversas.

Na segunda seção, apresentamos os desempenhos do emprego formal setorial no Rio Grande do Sul e no Brasil, limitando-nos aos setores em que a base de dados oferece melhor cobertura — serviços, indústria de transformação, comércio e

construção civil. Após o ajuste sazonal, todos apresentaram crescimento em nível estadual e nacional, ficando o destaque com serviços. No Estado, esse setor, ao crescer 5,3% no período analisado, agregou 43,5 mil novos postos de trabalho, tornando-se responsável por mais de 40% do emprego gerado. Em nível nacional, o incremento de serviços foi um pouco menos expressivo, situando-se em 4,8%. Outro setor de grande destaque, embora contribua bem menos para o conjunto dos empregos formais, é a construção civil: apesar de ter gerado apenas 9 mil novos postos no Estado no período, apresentou um crescimento de cerca de 7,1%, o maior entre todos os setores, contra um incremento de 4,6% em âmbito nacional.

O segundo setor com maior contribuição para o desempenho do Estado foi o comércio, que, com a geração de 27,7 mil novos postos de trabalho, apresentou um crescimento de 5% contra 3,7% registrados no Brasil. Por fim, a indústria de transformação cresceu menos do que o total do emprego estadual, com 3,5% e cerca de 25,5 mil novos postos de trabalho. Ainda assim, superou o desempenho nacional do setor, que se limitou a 1,8%.

Finalmente, abordamos o desempenho do mercado de trabalho nas regiões do Rio Grande do Sul. Os 17 Coredes que apresentaram crescimento do emprego superior à média estadual foram reduzidos a 14 após o ajuste sazonal. Os destaques positivos ficaram com Celeiro, Nordeste, Médio Alto Uruguai e Noroeste Colonial, com 11,11%, 8%, 7,47% e 7,19% de crescimento respectivamente, após o ajuste.

Do ponto de vista da sazonalidade do emprego, vimos que os Coredes que mais se destacam são Sul, Litoral e Campos de Cima da Serra. Enquanto o ajuste aportou um ganho significativo no desempenho dos dois primeiros no período analisado, o oposto ocorreu no último Corede, que se revelou o único a registrar retração no estoque de empregos, quando descontado o componente sazonal.

Constatamos, também, que os quatro Coredes com melhores resultados relativos representam apenas 3,55% do emprego formal do Rio Grande do Sul, enquanto os Coredes mais determinantes para o comportamento estadual — Metropolitano Delta do Jacuí e Serra, que, somados, possuem cerca de 42% do emprego formal do Estado — apresentaram crescimento de cerca de 4,9% cada no período, aplicado o ajuste.

Por fim, observamos que, dos seis Coredes destacados pelo desempenho em 2011 ou pela participação na estrutura do emprego gaúcho, quatro

mostraram a construção civil na liderança da geração de postos, e outros dois, o setor serviços. Os resultados são coerentes com o desempenho do Estado, mas também mostram que, em quatro dessas regiões, a indústria de transformação obteve incrementos bem mais expressivos do que no agregado do Rio Grande do Sul.

O retrato dos mercados de trabalho gaúcho e nacional em 2011 marca uma continuidade do movimento de expansão do emprego formal, porém com um nítido arrefecimento, especialmente claro no caso da indústria de transformação. O recurso à dessazonalização, utilizado em função de uma contingência da disponibilidade de dados, serviu para lançar luz a um contraste interessante entre os ciclos anuais do emprego no Rio Grande do Sul e no Brasil, aspecto a ser considerado e aprofundado em futuras análises conjunturais comparadas.

Referências

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Departamento de Emprego e Salário. **RAIS/RAISESTB**: competência 2000. Brasília, 2003. CD-ROM.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Departamento de Emprego e Salário. **RAIS/RAISESTB**: competência 2007 — 2010. Brasília, 2011. DVD.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Departamento de Emprego e Salário. **CAGED ESTATÍSTICO**: jan.2001 a 2010. Brasília, 2010. CD-ROM.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Departamento de Emprego e Salário. **CAGED ESTATÍSTICO**: jan. 2003 a out. 2011. Brasília, 2011. DVD.

HOFFMANN, Ronaldo. **Estatística para economistas**. São Paulo: Pioneira, 1998.

WEBSTER, Allen L. **Estatística aplicada à administração e economia**. São Paulo: McGraw-Hill, 2007.